

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Bruna Silva

MEMÓRIAS, NARRATIVAS E TRAMAS:
ENTREVISTA COM A PROF.^a DR.^a
OKSANA BORUSZENKO

SILVA, Bruna
MEMÓRIAS, NARRATIVAS E TRAMAS: ENTREVISTA
COM A PROF.^a DR.^a OKSANA BORUSZENKO
R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 181(484): 363-386, set/dez. 2020

Rio de Janeiro
set/dez. 2020

II – ENTREVISTAS INTERVIEWS

MEMÓRIAS, NARRATIVAS E TRAMAS: ENTREVISTA COM A PROF.^a DR.^a OKSANA BORUSZENKO

MEMORIES, NARRATIVES AND EXPERIENCES: INTERVIEW WITH DR. OKSANA BORUSZENKO

BRUNA SILVA¹

Resumo:

Esta publicação tem por objetivo compartilhar a íntegra da transcrição de uma entrevista produzida com Oksana Boruszenko, ucraniana trazida pelos pais para o Brasil no final da II Guerra Mundial. Boruszenko graduou-se em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR - na década de 1960, logo após cursou doutorado em Munique, na Alemanha, pela Ludwig Maximilian Universität, retornou ao Brasil e, em seguida, lecionou na UFPR. A historiadora dedicou a maior parte das suas pesquisas à imigração ucraniana e integrou o grupo dos 30 sócios fundadores da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica-SBPH. Ao longo da narrativa, a historiadora delinea sentidos entre as tramas das suas memórias sobre a vida na Ucrânia, a imigração e as suas escolhas profissionais.

Palavras-chave: Oksana Boruszenko; identidade; Ucrânia; imigração; SBPH.

Abstract:

The aim of the paper is to share the full transcript of an interview conducted with Oksana Boruszenko, a Ukrainian citizen brought to Brazil by her parents at the end of World War II. Boruszenko graduated in History from the Universidade Federal do Paraná (UFPR) in the 1960s. Shortly after, she earned her Ph.D. from the Ludwig Maximilian Universität in Munich, Germany. Upon her return to Brazil, she taught at the UFPR, focusing most of her research as a historian on Ukrainian immigration. She also became one of the 30 founding members of the Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH). Throughout her narratives, the historian seeks to make sense of the experiences of her memories about her life in Ukraine, immigration, and her professional choices.

Keywords: Oksana Boruszenko; identity; Ukraine; immigration; SBPH.

Introdução

A entrevista que está transcrita nas páginas seguintes faz parte de um rol documental amplo e diverso, levantado e produzido por ocasião da realização de uma pesquisa em nível de doutorado em História, cursado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste e orientada pelo Prof. Dr. Marcos Nestor Stein, entre os anos de 2015 e 2019. Tal pesquisa teve como objetivo central conhecer, compreender e problematizar a So-

1 – Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR. E-mail: brunasilvabs@gmail.com.

cidade Brasileira de Pesquisa Histórica – SBPH, fundada em 1981. Tal sociedade foi presidida pelas historiadoras Maria Beatriz Nizza da Silva (USP), entre 1981 e 1990, Cecília Westphalen (UFPR) entre 1991 e 1999, e Márcia Elisa dos Campos Graf (UFPR), entre os anos 2000 e 2005².

Embora o objetivo principal da entrevista com Oksana Boruszenko tenha sido evocar memórias sobre a sua participação da SBPH, já que a historiadora fez parte da lista de 30 sócios fundadores da sociedade e desempenhou a atividade de tesoureira entre 1984 e 1985, optou-se por um roteiro de uma entrevista biográfica, por isso o leitor encontrará narrativas a respeito da sua vinda ao Brasil como refugiada da II Guerra Mundial, a vida em Curitiba, local onde realizou seus estudos até a graduação em História na Universidade Federal do Paraná – UFPR, bem como as questões que a aproximaram e a distanciaram da SBPH.

As produções de entrevistas são momentos de diálogos realizados durante um processo relacional e fluido entre entrevistador e entrevistado, do qual resulta uma possibilidade de narrativa e que, posteriormente, são fixadas por meio da transcrição. As memórias evocadas durante uma entrevista produzem sentidos sobre passados. Assim, as narrativas são versões de um passado evocado em um dado presente, por isso não cabe ao pesquisador julgá-las, já que a memória é transpassada pela seletividade, o que corrobora para que um mesmo passado não seja memorizado da mesma forma por diferentes sujeitos e em presentes distintos, o que torna o momento da produção de uma entrevista único.

É relevante sublinhar a ocasião da produção do documento, o contato com a professora Oksana Boruszenko, foi iniciado muito antes da efetivação da pesquisa mencionada acima, quando, ainda em nível de mestrado, tive a oportunidade de frequentar aulas com professores de História ucranianos. Tais aulas foram traduzidas simultaneamente por Boruszenko, que era ucraniana. Quando encontrei o nome da historiadora

2 – SILVA, Bruna. Associações de historiadores no Brasil: a SBPH entre lugares normas e grupos (1961-2005). Tese (Doutorado em História). Marechal Cândido Rondon: PPGH UNIOESTE, 2019.

na documentação, procurei seu perfil nas redes sociais, pois sabia que ela mantinha um perfil no *facebook*, sendo por esta ferramenta a realização dos primeiros contatos a fim de viabilizar a entrevista que ocorreu no dia 13 de março de 2017, no seu apartamento, em Curitiba-PR.

A publicação deste documento na íntegra foi uma das recomendações feitas a mim na ocasião da defesa da tese, pela banca composta pelos docentes Prof.^a Dr.^a Tânia Regina de Luca (UNESP), Prof.^a Dr.^a Beatriz Anselmo Olinto (UNICENTRO), Prof.^a Dr.^a Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE) e Prof. Dr. Marcos Nestor Stein (UNIOESTE). Além disso, é uma homenagem póstuma à Prof.^a Dr.^a Oksana Boruszenko, historiadora que dedicou uma vida à pesquisa histórica da imigração ucraniana. Acreditando na relevância deste documento, espero que ele contribua com os estudos históricos, especialmente no que se refere aos processos de imigrações forçadas no século XX, à trajetória e às contribuições que esses imigrantes realizaram no Brasil, em especial, a imigração ucraniana, tema ao qual Boruszenko se dedicou.

B.S: Professora, eu me chamo Bruna Silva.

O.B: Muito prazer!

B.S: O prazer é todo meu!

O.B: Quem é o seu orientador?

B.S: Meu orientador é Marcos Nestor Stein. Ele trabalhou com suábios na Colônia Vitória em Guarapuava no doutorado. E minha coorientadora...

O.B: Não sei do teu orientador, porque deve ser uma pessoa bem mais jovem que eu, mas eu conheço a comunidade suábica, já estive lá estudando aquela comunidade.

B.S: Que ótimo, professora! Minha orientadora é a professora Beatriz Anselmo Olinto, ela trabalhou aqui no Paraná, com a lepra no século XX. Foi minha professora na graduação no mestrado e, hoje, é minha coorientadora.

O.B: Está em boas mãos!

B.S: Eu gosto muito deles.

Então, estamos na casa da Professora Oksana Burosenko, correto?

O.B: Boruszenko [ensinando-me a pronúncia correta do sobrenome].

B.S: ... em Curitiba, no dia 13 de maio [março] de 2017, às 13 horas e 36 minutos. Mais uma vez, eu agradeço a senhora, de coração, por me receber na sua casa.

O.B: Eu não costumo recusar estes pedidos.

B.S. Eu fico muito feliz e estamos aqui para uma entrevista que será parte da documentação da minha pesquisa em nível de doutorado, a respeito da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica-SBPH, com recorte temporal entre os anos de 1980 e 2002, quando findam as publicações da revista.

Professora, gostaria que a senhora relatasse um pouco para mim sobre a sua infância, sobre seus pais, sobre a escola onde estudou e como a senhora chegou aqui no Brasil.

O.B: Bem, eu cheguei ao Brasil em 1949. Vim para o Brasil com 10 anos de idade, então você já pode calcular a minha idade atual. Eu nasci em 1939, quando começou a Segunda Guerra. E, assim que a guerra acabou, nós estávamos na Alemanha, a minha família foi levada para a Alemanha pelo governo alemão, quando estavam retirando-se de lá, dos países eslavos. O fim da guerra nos pegou na Alemanha, então nós fomos para um acampamento de refugiados na Zona de Administração Norte Americana. E então tentamos imigrar para o Novo Mundo, ou seja, o novo mundo era o El Dorado de qualquer refugiado de guerra. Não poderíamos voltar para a Ucrânia, porque como lá só ficou para soviéticos. Na época, estavam colonizando a Sibéria, então se a gente voltasse: “Voltou por quê? Por que saiu? Você traiu a pátria saindo”, então você vai direto para a Sibéria e, como lá é muito frio, nós não queríamos.

Dessa forma, optamos por um lugar mais quente. A ponto que minha mãe pensava que era um país tropical, que era um trópico como a África ao certo, tanto que mandou jogar fora todas as cobertas de penas. Quando chegamos, fomos morar em Curitiba no Paraná. Se arrependimento matasse, tudo bem. Eu já estava cursando a escola primária, mas como aqui já era o país “do jeitinho”, eu consegui fazer o primário em um ano, perdão, em dois, fiz admissão, entrei no ginásio, isto em Apucarana, no norte do Paraná. Por que nós viemos para o Brasil? Minha mãe tinha parentes aqui, que moravam no sul do Brasil e o filho deles era engenheiro como o meu pai. Ele estava indo para o norte do Paraná e propôs sociedade com o meu pai.

B.S: Uma época de expansão do norte Paraná.

O.B: Sim! Era exatamente a época da expansão da fronteira agrícola, então as cidades estavam pipocando, e eles, então, se integraram nesse movimento com o escritório de engenharia dele, por exemplo, Ivaiporã, feita em forma de oito por causa das enchentes. O

declive... foi meu pai que mediu a cidade, projetou e mediu, como várias outras e vários trabalhos de retificação de rios no Paraná todo, até mesmo aqui em Curitiba, com a graça do bom Deus! Que agora o Círculo Militar, a Pracinha do Círculo Militar não alaga mais. Minha mãe nunca precisou trabalhar neste país. Assim que viemos, ela já se integrou na comunidade ucraniana e sempre trabalhou na comunidade ucraniana. Por exemplo, fundou a Associação Feminina no norte do Paraná, em Apucarana. Foi a primeira professora de idioma ucraniano no norte do Paraná. Muita gente, contemporânea minha, aprendeu a ler e a escrever em ucraniano na mão da minha mãe. E as filhas foram crescendo e estudando. Eu estou em Curitiba desde 52, chegamos em 49, três anos depois, eu já estava em Curitiba. Estudei em Colégio Estadual que era o melhor colégio na época, era hóspede de uma ordem de religiosas. Ordem ucraniana, bem entendido. Tanto que elas dizem, até hoje, que sou afilhada de todas elas. Fica meio engraçado, mas é o que elas fazem questão de dizer. Então, eu mantenho isso. Estudei na Universidade Federal, acabei me tornando professora lá. Eu já era professora quando fui fazer doutorado na Alemanha, onde não precisei fazer o mestrado. Realizei o exame de proficiência e fui aceita diretamente para o doutorado. Fui fazer o doutorado na Alemanha, porque, na época, aqui não tinha, pelo menos, na área que eu queria. Eu pretendia estudar a Europa Oriental, mais precisamente a Europa eslava. Então precisei ir para a Alemanha. Trabalhei bastante! Eu já tinha material, pois possuía muitas fontes já colhidas, tanto que precisei voltar só uma vez para o Brasil enquanto estava estudando e consegui fazer o doutorado, assim, num tempo record. Fiz o doutorado em três anos. E, quando voltei pra o Brasil, imediatamente, no dia seguinte, abriu o mestrado aqui. Eu era a última doutora da casa. Era preciso de quatro doutores da casa, que fossem da universidade para poder abrir o curso, pois os demais eram professores visitantes. Então muita gente lecionou nesse mestrado que, mais tarde virou doutorado. Trabalhei na universidade minha vida inteira. Depois que me aposentei, relativamente moça ainda, comecei a ir à Ucrânia lecionar em duas universidades, mas cursos monográficos, bem entendido. Cursos de quatro semanas a seis

semanas. Primeiro fui e permaneci três meses. Dei bastante azar, porque peguei o trimestre de inverno e o inverno lá era péssimo. Eu pensava que lá o inverno fosse parecido com o inverno do Canadá, que eu já conhecia, que eu tinha estado no Canadá, [...] dando curso. E era trimestre de inverno, então eu já conhecia como é que era o inverno canadense, e então achei que o inverno na Ucrânia fosse a mesma coisa. Não é! Não se compara nem com o Canadá, nem com a Alemanha, nem coisa nenhuma.

B.S: Uma coisa muito específica de lá.

O.B: É! E muito dolorida para quem não está habituado.

B.S: Lá em Guarapuava é frio. Às vezes, eu sinto dor de frio. Mas lá com certeza

O.B: Lá o inverno normalmente é 17 para baixo quando o dia está bonito. 17 para baixo você há de convir que é um frio danado, apesar das casas, dos locais todos serem aquecidos, mas tem uma hora que a gente precisa ir à rua (risos).

B.S: E o verão, professora?

O.B: O verão é bellissimo. Florido. Julho, agosto, ainda, setembro. Setembro já começa a colheita de maçãs, de ameixas etc. Então, a ar fica impregnado, sabe? Então é muito bonito o verão. A primavera é muito bonita e o verão também muito bonito. O outono é meio chuvoso, mas dá para aguentar, mas tudo bem. Bom. Mas, de uns anos para cá, vamos dizer, desde a década de 2010, eu tenho ido mais esporadicamente, a saúde não ajuda.

B.S: A viagem é muito cansativa?

O.B: É! Ultimamente, eu tenho levado dois dias para chegar. Porque eu ia até Frankfurt, dormia no hotel do aeroporto e continuava no dia seguinte, porque direto era muito cansativo. Em qualquer aeroporto da Europa, você chega e tem que esperar a conexão, e a conexão é longa, então muito mais fácil você dormir no hotel e continuar no dia seguinte, é menos cansativo.

B.S: A senhora falou do seu pai. Que ele ajudou a projetar Apucarana. Ele já trabalhava com alguma coisa parecida na Ucrânia?

O.B: Meu pai era especializado em geodésia, tendo feito doutorado pela Universidade de Libniz, na Alemanha. A engenharia estava no sangue dele, sabe? Os logaritmos, sabia todos de cor. Ele era engenheiro e era engenheiro especializado em geodésia mesmo.

B.S: Caiu como uma luva?

O.B: Caiu, e conseguiu trabalhar desde o primeiro dia na profissão dele. Mais tarde, ele revalidou o diploma pela própria universidade e foi... e se aposentou como engenheiro do DNOS aqui em Curitiba. Departamento Federal, que trabalhava com água. Trabalhou bastante para a prefeitura de Curitiba quando o prefeito era Dr. Omar Sabbag. Retificou, pelo menos, essa parte da cidade, fechou o Rio Belém, o qual era aberto duas quadras para baixo, por isso alagava tudo, toda a Praça do Círculo. Quem estava do lado de lá não podia passar para cá. Era um horror, isso foi na década de 70, então pode se dizer que ele foi um imigrante bem sucedido, porque ele trabalhou de imediato na sua profissão. A esposa não precisou trabalhar. Ele tinha duas filhas e, para as duas filhas, ele deu duas universidades, dois cursos universitários. Eu cursei ciências humanas, história, economia e ciências econômicas. Minha irmã é cinco anos mais nova, ela cursou biblioteconomia, foi bibliotecária da COPEL e, paralelamente, fez Belas Artes. É pianista de renome, dessas de tocar pelo mundo afora.

B.S: Chique!

O.B: É, mas ela é bem simples.

B.S: É lindo quem toca instrumentos como este, violino, piano. Meu pai toca alguma coisa, ele é autodidata, mas eu nunca tive talento. A minha irmã, que é sete anos mais nova que eu, só de ouvir alguém tocando algum instrumento, ela toca em seguida.

O.B: Tem gente que é predestinada para isso.

B.S: Eu até ia perguntar para a senhora: Com um pai engenheiro, mãe ativa, que não tinha um trabalho fixo, mas era muito ativa com as mulheres, como é que a senhora se interessou pela história?

O.B: [Suspiro] Por coerção.

B.S: Foi obrigada?

O.B: Fui. Na realidade, eu queria fazer direito. Sabe? Mas eu sempre fui educada num lar ucraniano e muito politizado. Porque a Ucrânia, porque um dia ela vai ser independente, essa geração acima de mim, os meus pais, os imigrantes, mais intelectuais, porque imigrante tem três fases, aqui no Paraná. Ucranianos, no final do XIX e início do século XX, vieram para agricultura; depois uma outra leva, entre as duas guerras, já mais intelectualizada, mais politizada, eram aqueles envolvidos na luta pela independência da Ucrânia. Como eles não conseguiram a independência depois da Primeira Guerra, quando a Ucrânia foi dividida entre a Rússia e a Polônia. Esses imigraram para fora para não serem perseguidos na Europa, então vieram para cá. Por fim, os refugiados depois da Segunda Guerra Mundial, então veio todo o tipo de gente: vieram profissionais liberais, operários qualificados, agricultores. Mas a minha casa era, e ainda hoje é, muito ucraniana. Meus pais acompanhavam como estava a situação da Ucrânia, e eu fui educada para servir. Logo, tinha que fazer algo pela Ucrânia. Então, como eu tinha pendor para escrever, eu também participava dos trabalhos da sociedade ucraniana. Eu sempre fui educada assim: “Um dia você há de escrever a história deles, um dia você há de escrever a história deles!”. Direito? Não! Para você, seria melhor fazer curso de História.

B.S: Interessante os pais incentivarem fazer história, hoje não se incentiva muito.

O.B: Mas eles tinham um objetivo específico. Quando estudante, eu já comecei trabalhar com ucranianos. Por isso, eu tinha já muitas fontes, já fui coletando as fontes. E, assim, comecei a trabalhar na universidade com história oral, era uma novidade na época. Fui fazer o curso na OEA no Rio de Janeiro, montamos aqui o gabinete

te de história oral. Então, eu comecei gravar as entrevistas todas. Depois, houve um roubo na minha casa e carregaram 52 horas de gravação, inclusive de gente que já havia falecido, achando que, decerto, era música, vamos dizer de raiz, música caipira. Isso deu até... esse roubo foi tão famoso, saiu até no Jornal Nacional, mas, como diz a minha irmã: Na tua casa, com aquele ar de felicidade, até estava dando impressão que estava chamando mais ladrão.

B.S: A pessoa rouba entrevistas?! (risos)

O.B: É, a minha vida é um palco iluminado. É claro que o reitor fez com que eu prestasse queixa na polícia, o reitor deu entrevistas, eu dei entrevistas, porque ainda carregaram uns tapetes aqui de casa, televisão. Então, toda vez que achavam um tapete, o delegado me chamava para fazer o reconhecimento: “Professora! Achamos o seu tapete!” Como deu em edição nacional, então a polícia tinha que mostrar serviço, então o governador se meteu na história... antigamente, as coisas eram mais fáceis? Curitiba não passava de uma aldeiazinha, todo mundo se conhecia, então, nesta altura do campeonato, todo dia eu me dirigia até à polícia: “e não, este não é o meu tapete, é um tapete iraniano, veja! Ele é peludo, o meu era bordado em lã, bordado”. “Mas esse é azul como é o seu!” E, por toda a polícia, eles queriam que eu levasse embora um tapete azul para eles poderem dizer que acharam, mas não acharam nada. Toda vez que eu ia lá por causa de outras coisas, fui acompanhar uma vez minha irmã, que haviam roubado o carro, a outra vez fui com uma amiga, e o delegado, quando me via, dizia: “ô, professora, como vai? Mas, olha, as suas fitas ó!” (risos). Então eu já comecei a trabalhar com documentação, já comecei viajar pelo interior, entrevistar gente mais de idade. Então já tinha muito material quando fiz a minha tese de doutorado, chamava-se Integração dos ucranianos no Brasil, estudei os ucranianos e a integração com o processo de integração deles.

B.S: Mesmo a senhora sendo conduzida coercitivamente para a história, a senhora gostou?

O.B: Eu gostei. Como eu tinha muito material e trabalhava na comunidade, depois que eu escrevi sobre a comunidade, então eu virei assim “bala zequinha”, hoje, estou virando nota de rodapé, fui reduzida à nota de rodapé. Mas, se eu tenho algum mérito, é porque fui a primeira pesquisadora que estudou esta comunidade sistematicamente e conseguiu derrubar dois conceitos negativos sobre eles. Diziam que ucraniano, na realidade, era polaco virado pelo avesso, que era pobre, “pobre de marré marré”, integrava o proletariado e que era analfabeto. Que “era pobre de marré, marré e era analfabeto”. Eu consegui provar que não era nada disso, que ele não era pobre de marré, marré, porque ele vinha com dinheiro, ele comprava a terra do governo, onde era o primeiro proprietário. Fui pesquisar os arquivos de cartório, por exemplo, Antônio Olin-to, Lapa, Marechal Mallé, Paulo Frontin, próprio Prudentópolis e eles são os primeiros compradores. Ora, quem compra terra tem que pagar, mesmo que seja a prestação, mas tem que dar entrada, então ele não é pobre, pobre, pobre [...] proletariado. E, quando eu comecei a fazer as entrevistas pelas casas, eu reparava que sempre tinha uma prateleira de livros, onde não tinha só a Bíblia e o livro de poemas do poeta maior da Ucrânia, mas havia livros de literatura atual da época em que eles vieram. Ora, quem importa livros e quem importa professores para ensinar suas crianças e pagar esses professores? Ele não é pobre de marré, marré, ele tem dinheiro. E é consciente, ele tinha consciência da ucrainidade dele. Veja, já está na quinta geração e continuam mantendo as tradições. Ontem, eu falei com um monte de jovens em ucraniano, que sabem falar, porque você aprendeu aonde, meu santinho? Em casa? É, em casa com a minha avó, e também aqui na escolinha dos sábados e, agora, estou terminando o curso na universidade.

B.S: É diferente da família da minha mãe: meus bisavós vieram da Itália, meu avô e minha mãe e meus tios falam vêneto, mas nunca tiveram o interesse em ensinar aos netos. Eu consigo entender, mas não falar. É uma coisa que já parou, se um dia eu tiver filhos, eles não vão nem saber. Meu avô já faleceu, ele era um pouquinho mais velho que a senhora, nasceu em 32. Eu chamo de nono, minha nona está viva. [...]

O.B. É uma pena! Porque é uma língua a mais. E também o folclore mantém-se muito, o folclore agrega os jovens, a igreja também ajuda. A igreja se ocupa de muitos dos jovens, pelo menos a ucraniana, tanto a católica, quanto a ortodoxa. Os ucranianos, como são muitos festeiros, festejam muito a Páscoa, a chegada da primavera, a festa da colheita e o Natal. Então, tudo isso agrega.

B.S. A senhora falou que trabalhou muito em história oral. Sentiu alguma resistência dos professores mais antigos?

O.B: Olha, eu tive muita sorte, senti resistência sim, no começo senti. E essa resistência bateu de frente comigo na hora em que eu quis pesquisar o arquivo em Prudentópolis da Ordem dos Basilianos, dos padres basilianos, do mosteiro deles. Aí me deram a resposta de que eles simplesmente não podiam me atender, porque, como era mosteiro masculino, eu não podia entrar, eu só poderia entrar até a sala de visitas, não tinha acesso ao arquivo. Mas eu tive muita sorte, porque o primeiro bispo ucraniano no Brasil era meu tio. Então eu fui me queixar para ele, literalmente eu fui me queixar para o Bispo. Ele me deu uma carta, onde deu uma ordem para entrar no mosteiro, logo era para me atender. Então eles fizeram uma salinha do lado do arquivo. É claro que não me deram acesso para eu fuçar pessoalmente no arquivo, mas destacaram um irmão qualquer, que eu dizia para ele que tipo de documentação eu queria ver e ele trazia para mim. Eu trabalhei a documentação que eu quis ver, eles me deram acesso. Agora, nas casas, a coisa foi mais fácil. Como eu falo o idioma, e aprendi rapidinho em Prudentópolis como se faz: você não pergunta nada em português, você já vai falando em ucraniano. O dia que eu perguntei em português “onde é que morava um fulano”, nem se dignou a responder, então eu não tive dúvidas e tasquei em ucraniano: “Louvado seja Nosso Senhor! Tio, você não sabe onde é que mora... ?” “Claro que eu sei, suba na carroça que eu te levo até lá!” Porque eu sou do tempo que se fazia pesquisa em carroça.

B.S: A senhora criava já um vínculo com eles e já era da família!

O.B: Sim, exatamente! Nas colônias assim, mais fechadas, eu sempre falava com o padre e pedia para ele, na missa, me apresentava depois do sermão e avisava à comunidade que eu não era coletora de impostos, que eu queria escrever a história da comunidade, por isso precisava falar, sobretudo com as pessoas de mais idade. E, na saída da missa, fazia fila na minha frente.

B.S: Todo mundo queria falar!

O.B: é! “Que dia a senhora vai lá em casa? Que dia a senhora vai lá em casa?” E a senhora era bem jovem ainda na época, então mais uma razão: “o que essa menina quer?”. Então eu tive sorte, não tive, assim, resistência, porque o que me ajudou foi idioma, mas tive muitas portas abertas por meio do clero. Sou muito grata até hoje a eles.

B.S: Eu comecei a dar aulas na universidade com 23, 24 anos, eu tinha alunos mais velhos que eu.

O.B: Exatamente.

B.S: Ou me chamavam de senhora ou então não me respeitavam muito, porque eu era mais nova [...].

O.B: Mas você não passou um perrengue tão grande quanto eu. Quando eu voltei do doutorado, eu cheguei ontem e, hoje, estava na aula inaugural do curso de pós graduação e, no primeiro ano, que foi uma turma imensa de 25, que, como abriu mestrado aqui, era o único mestrado no sul do Brasil, tinha aluno da universidade de Florianópolis e também gente do Rio Grande do Sul, todos eles professores universitários, inclusive os doze que eram meus colegas, eu fui professora de meus colegas, era horrível. [...] E sendo professora de meus próprios colegas e eles com ódio mortal que tinham que fazer o mestrado e queriam se ver livre do tal mestrado o mais rápido possível, era péssimo. Eu vivia com medo, eu não tinha segurança, porque eu achava que eles iriam me derrubar. [...] Inclusive um colega meu, meu amigo, ele me chamou e disse: “Oki, você precisa descer do salto, todo mundo está te odiando, porque você subiu no salto e a gente não consegue nem falar com

“você”. Mas, Jaime, eu morro de medo que eles me derrubem. “Ninguém quer te derrubar, todo mundo quer se livrar desse mestrado o mais rápido possível, então, por favor, desce do salto e volte a ser o que você era. Você pode ter certeza que ninguém vai te derrubar, ao contrário, a gente vai te ajudar o máximo”. Então, no dia seguinte, eu cheguei e falei: “olha, vamos recomeçar tudo do ponto zero. Meu nome é Oksana, infelizmente, vocês, os alunos, mas vamos mudar a nossa sistemática de trabalho”. Eu devo isso ao Jaime Cardoso. E, que muitos anos depois, durante milênios, foi diretor do Museu Paranaense e, hoje, não quer nada com nada com a história. Só quer brincar com os netos, e nem isso tem chance, porque já entraram na universidade e os outros netos, com os quais eles poderiam brincar. Eles moram na França, então o casal fica na ponte aérea.

[...]

B.S: A senhora foi para o doutorado e voltou a dar aulas aqui.

O.B: Eu continuei no mesmo tema, eu escrevi no mesmo tema, dei vários cursos, fiz vários trabalhos sempre sobre imigração, sempre estive ligada à imigração. Não exatamente nem sempre especificamente imigração ucraniana, mas sobretudo.

B.S: Como foi a recepção da pesquisa? Com os professores? Nos anos 60, 70. Como eles viam a pesquisa, ou professor era mais para dar aulas?

O. B: A gente pesquisava. O pior é que a gente tinha que se virar, não eram muitos os professores. Se um tinha aula em São Paulo, no doutorado em São Paulo, ainda não tinha doutorado aqui ou na USP, então tinha outro para substituí-lo. Tem uma história famosa, eu fui substituir uma professora, aliás, foi a Márcia Graff, não, não foi a Márcia Graff, foi um outro professor, que era de história moderna. Marcia Graff lidava com história do Brasil. Perguntei para ele: o que você está dando? Eu estou dando Renascimento. Ah pode deixar, vou dar então Renascimento Alemão, vou falar sobre Dürer. E tinha também uma caixinha de slides, com as pinturas de Dürer. Eu lá, numa boa, com a cola de baixo do aparelho de slides, qual quadro, o que era. Daí, eu disse, porque as cores, porque as

sombras, porque isso, porque aquilo. E como é o nome desse quadro, professora? É o nascimento de Jesus, do Dürer. Ué? E cadê o Jesus? Aí eu levantei a cabeça e vi que não era aquele quadro, e vi que não era o quadro, mas não ia perder a piada, aí disse: “Calma, menino, não vê que não nasceu ainda?” (risos) Uma risada só. Aí, pulei dois quadros para frente, então a gente tinha que atacar em todas as áreas, substituir professores. Não eram muitos professores, mas era obrigado, inclusive, a fazer a pesquisa, e tinha que mandar relatório para o CNPq. Já fui Chefe de departamento, o que mata é o trabalho administrativo, então isso acaba. O tanto de relatório que tem que fazer no fim do ano, mas, se você tinha ganho alguma verba para alguma pesquisa, aí era pior ainda, era melhor fazer pesquisa por conta própria. Só que nós gastávamos o dinheiro nosso. Durante a ditadura, foi estipulado quantos artigos tinha que publicar em revistas científicas, então trabalhava-se bastante. Tínhamos tempo integral e dedicação exclusiva à Universidade, mas era um dinheiro suado.

B.S: Em 1961, lá atrás, foi criada a ANPUH, em Marília. A senhora lembra como o departamento da UFPR se relacionou com a ANPUH? A senhora fazia parte de alguma coisa?

O.B: Eu me formei em 1963.

(pausa)

O.B: Eu era estudante quando foi criada a ANPUH, inclusive acho que foram feitos dois congressos aqui. Um deles eu era estudante ainda, e o outro eu já era formada, eu lembro que, em 61, eu trabalhei nesse congresso como estudante, trabalhei na recepção, na inscrição, enfim, pau para toda obra. Isso foi no inverno, porque vieram as estudantes para assistir, não tem nada a ver com a nossa conversa, com o nosso tema, mas foi uma coisa que marcou. Vieram os estudantes assistir como observadora e coisa, e para ajudar um pouco. Era inverno e elas vieram de calças compridas, e aqui não se usava, e, quando uma das minhas colegas botou calça comprida e veio também, a chefe do departamento reclamou com ela, três anos depois, a própria também estava usando.

B.S: Usava-se vestido, saia?

O.B: Vestido, com compostura. Tanto que, até hoje, eu brinco que eu tenho a minha roupa de professora, um *tailleur*, um *tailleur* preto de professora. Sabe aquele *tailleur* que a gente usa em grandes ocasiões? Ou então em enterros... aquela roupa de gala, mas dois, três anos depois, a própria também estava... mas me lembro da primeira calça comprida que surgiu. Em Curitiba, realmente era muito frio, e esse negócio de botar dois pares de meias, nem sempre resolviam, então, isso me lembro, por isso me lembro do primeiro evento, e que foi assim, uma coisa chique, com coquetel, jantar de encerramento. Toda parte social também. Veio aqui o Eurípedes de Paula da USP, que tinha revista em São Paulo, a mulher dele, veio aquela professora a qual me fugiu o nome, uma das primeiras, veio a Kátia Matoso, não estou conseguindo lembrar o nome dela, era ótima. Estavam presentes várias pessoas importantes. Nesta época, acho que o governador era o Ney Braga, ele era da Lapa, lapiano, e a professora Cecília Westphalen também lapiana. O governador veio para a abertura e para o encerramento.

B.S: Foi um acontecimento?

O.B: Foi um grande acontecimento na cidade.

B.S: Essa coisa da moda é interessante.

O.B: Isso durou, até que resolveram... não é porque eram a ala conservadora, Motorzinho que era de outra ala, e também não era com muita convicção. Mas, como foi um dos primeiros a ir estudar em Paris, lá em Nanterre, fez doutorado lá, patati-patatá... e era moda ser de esquerda. E eu sempre dizia que somos todos comunistas de meio expediente. Porque terminava tudo no bar. No Passeio Público, tinha uma feijoada famosa, então, no verão, terminava tudo lá. Mas, então, resolveram na ANPUH, e eu achava bem justo, já que os alunos eram observadores, que não podiam perguntar nada, só ficar olhando, era uma época em que professor era professor, e aluno era aluno. Não tinha essa história de aluno ficar batendo nas costas de professor. Eu, por exemplo, no mestrado aqui, eu tive um acontecimento que eu quase morri de susto. Eu recebi um aluno do

nordeste, que foi para orientação. E estava começando o inverno e eu vi que ele só andava com um poncho, ponchinho peruano, batendo dente. Então eu falei com um sobrinho meu: “separa aí uns pullovers seus, umas meias de lã, para que eu possa dar para alguém”. Ele separou e eu fiz um enxovalzinho de inverno. E daí chamei o cara para o meu gabinete. Olha, não é nada não, não é entrevista, não é nada sobre teu trabalho. Essa área vai bem, obrigada! Mas eu queria falar com você. Veja, você não faz ideia de como é o verdadeiro inverno aqui. Você, que chegou lá do Recife, vai sofrer muito no inverno. É só esse poncho que você tem? E eu vejo esse poncho todo dia, então eu tomei a liberdade de preparar um enxovalzinho para você, eu queria te dar, se você não se ofender. É do meu sobrinho. Ele disse: “não, professora, é claro que eu não me ofendo. Deixa-me te dar um cheirinho na senhora!”. E se jogou por cima de mim, pensei: ele vai me morder a jugular! Agora, ele me morde a jugular! Meu Deus! Vou me acabar aqui. Porque eu não sabia que no Nordeste cheirinho quer dizer abraço.

B.S: Essa aproximação a senhora nunca tinha nem feito, nem visto...

O.B: Mas o cara se jogou literalmente em cima de mim, se eu não estivesse apoiada na mesa atrás de mim, eu teria caído para trás. E, como foi com tanto ardor, salve lindo pendor da esperança! Eu me assustei. Então tinha tudo isso, então acharam que os alunos podiam ter voz ativa e abriram para os estudantes, sobretudo essa geração mais antiga, não gostou. Não que eles fossem conservadores intelectualmente em suas pesquisas, muito pelo contrário, eles só eram muito ligados à escola francesa, [...] então os Annales estavam na ponta da língua de cada um, inclusive da gente. Eu tenho um livro com dedicação para mim do Fernand Braudel: Para Mademoiselle Boruszenko [...]. Então, por aí, você pode ver como era a universidade federal do meu tempo. Realmente foi Cecília Westphalen que teve um rompante numa reunião e disse: Hoje, acabam de rasgar o estatuto da ANPUH e pegou e rasgou o tal do estatuto mesmo. E foi um rompante que ela teve, contra. Professor é professor, aluno é aluno. Mas sabe como é, a fila anda.

B.S: A senhora apresentava na ANPUH, participava de alguma maneira?

O.B: Tenho até um artigo publicado na revista da ANPUH. “A imigrante ucraniana em prosa e verso”. Bonitinho o título. Então, em prosa, eu peguei umas entrevistas e, em verso, eu peguei um poeta ucraniano que falava: imigrem, só não para o Brasil, porque o início da imigração foi muito penoso aqui. [...] [Na época], o Imperador convidou, diz que precisava de imigrantes europeu nesse país. Os agentes se aproveitaram da fala dele e mandaram cartas individuais em nome do Imperador. Ora, um lavrador lá na Ucrânia, recebendo uma carta em ucraniano assinado pelo próprio imperador do Brasil, colocava a carta no bolso e seguia. Chegava aqui, não tinha mais imperador, tinha sido proclamada a República, os republicanos não estavam preocupados com os imigrantes que chegavam, mas estavam interessados em consolidar a tal da república que estava mal das pernas nos primeiros anos. Então, eles não tiveram assistência de ninguém, por isso foi muito penoso o início, sem saber a língua, [...] o mundo virado do avesso, quando lá era verão aqui era inverno. Não sabiam quando plantar, não sabiam o que plantar. Os holandeses, que lá estavam, não deram certo. Gonçalves Júnior, perto de Irati. Teve uma imigração holandesa, nessa época, em que andavam de cartola inclusive [...] mas que já estavam vendendo as suas coisas, porque já não estavam se dando bem, disseram a eles que o feijão tinha que cozinhar primeiro para, depois, plantar. Imagine que colheita que eles tiveram? Nenhuma! Então, realmente, os primeiros anos foram muito complicados. Então, por isso, havia uma sociedade na Ucrânia que incentivava eles a imigrarem para o Canadá, para os Estados Unidos, para Argentina, mas não para o Brasil. Eu vi essa documentação depois, eu trabalhei no arquivo. Fiz o levantamento do Arquivo Nacional lá na Ucrânia, claro que não sozinha. Eu chamei meus colegas do Canadá, da Inglaterra e da França os quais trabalhavam com isso, e eram ucranianos, sabiam a língua e, com eles, fizemos o projeto, que até hoje eu sou presidente honorária dessa comissão. Depois, eu ia e vinha, claro, Mateus, primo meu: primeiro vamos abrir os arquivos de imigração, porque comunista comia criancinha no café da manhã, sabe? mas não jogava fora documento. Então, tinham baús e baús

de cartas vindas do Brasil, cartas vindas da Argentina, cartas vindas do Canadá que não foram entregues, que a polícia guardou no arquivo. Então aquilo foi um prato cheio para todo mundo. Ao cara do microfilme, a gente até pagava por fora, em dólar, dava uns dólares pra ele, e ele microfilmava praticamente o arquivo inteiro, nunca o cara foi tão feliz. Anos depois, ele já estava aposentado, toda vez que eu ia para a Ucrânia, a primeira coisa que fazia era a visitinha com um raminho de flor, lá são muito de dar flor. Ele me visitava, trazia um “buquezinho” de flor. Não sei, faz quatro anos que eu não vou, mas, na última vez, em 2013, ele estava vivo ainda, e foi me ver, fazer uma visita. Diz que eu fiz a vida dele exatamente no começo dos anos 90, porque, como eu escorregava, os outros também escorregavam, e escorregavam em dólar ou em euro. Então, ele pode comprar casa, comprar não sei o quê. O governo se desmantelou, em 91, eles proclamaram a independência, então separaram-se da Rússia, e o momento era propício.

B.S: Bacana! Como a senhora começou a fazer parte desse projeto da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, a SBPH?

O.B: Tinha projetos do departamento, por exemplo, “As estruturas agrárias dos campos Gerais”, nome de um projeto, no qual, inclusive, trabalharam sociólogo, arqueólogo, era um projeto abrangente e eu tomava parte deste projeto, mesmo porque eu falava alemão, então era os Campos Gerais, sobretudo Wittmarsum, que são alemães menonitas, eles tinham uma passagem pela Rússia, uma passagem por uma parte da China, então eu fui. Na realidade, eu comecei a trabalhar nesse projeto ainda estudante e, depois, integrei no projeto já como professora, mas eu comecei a trabalhar como intérprete. Então, esse era um projeto do departamento. Tinha o projeto de levantamento de arquivos, que também era do departamento. Cada um de nós tinha os seus projetos individuais. Eu trabalhei sempre com imigração e, quando podia, trabalhava com imigração ucraniana. Escrevia até bastante, oitenta e tantos artigos publicados no exterior, inclusive, para cumprir, éramos obrigados a fazer pesquisa, então fazíamos!

B.S: Então a senhora ligava-se a um dos grupos? Ou a vários grupos?

O.B: Sim, o Jaime trabalhava com a semiótica, com gráficos. Motor, motorzinho, quando ele voltou da França, só queria saber da história da alimentação e fez a vida dele com a história da alimentação, eu dizia para ele: por isso que você não engorda né?

B.S: Motorzinho, a senhora se refere ao Carlos?

O.B: É, Carlos Roberto Antunes dos Santos. Desculpe, para nós, ele era motorzinho mesmo quando foi reitor. (risos) Só em público, quando falava motorzinho, ele olhava feio para nós, então, para torrar a paciência, dizia: o magnífico reitor... (risos).

B.S: E, em 84, a senhora foi tesoureira da SBPH. Lembra como eram as questões financeiras? Era difícil, fácil?

O.B: Os sócios eram os professores que não concordaram muito com os rumos que a ANPUH começou tomar, quando começou a Emília Viotti, quando, mais uma socióloga, está na política até hoje... Mas, quando a Emília Viotti começou a participar da ANPUH, muita gente saiu da ANPUH, e veio para a SBPH. Tanto que ela, em 84, quando eu fui tesoureira, tinha mais de cem sócios do Brasil inteiro, e a coisa era por telefone ou por carta. Telefone da nossa casa, ou por carta, ainda não tinha computador, não tinha internet, não tinha face, nada disso, mas não tinha gente que deixasse de pagar anuidade, eles pagam anuidade de bom gosto, mandavam o dinheiro, mandavam o cheque em meu nome e eu fazia, mandava os recibos pelos Correios. Claro, Correio que nós mesmos pagávamos. E, depois, então, a presidente era Maria Beatriz Nizza da Silva, e ela vivia pedindo dinheiro e o dinheiro estava na Caixa Econômica, sorte que tinha uma agência na própria reitoria na época. Então lá que eu fiz a conta e eu era responsável por ela, mas apresentava os extratos, nunca deu problema com isso, com a tesouraria. E o dinheiro que eles pagavam, na realidade, revertia para a publicação da revista e eu acho que não dava pra fazer muito mais coisa não. Porque publicar na época era caro, e Capes, CNPq não tinham interesse para ajudar as associações, sociedade nenhu-

ma, nem ANPUH, nem essa SBPC (confusão com a sigla?). Como era o sobrenome da professora Nízia?

B.S: Trindade?

O.B: Acho que sim.

B.S: Esse nome aparece nas revistas.

O.B: Aparece, né? Então, você deve ser lá o nome da professora que estudou o café, que estou matutando.

B.S: Fora a parte financeira, a senhora chegava a lidar com a publicação das revistas, dos anais, alguma coisa?

[...]

O.B: Não compreendi.

B.S: A publicação dos Anais, professora, a impressão, o recebimento dos artigos...

O.B: Não, tudo isso era feito por São Paulo, a Maria Beatriz se encarregava, se encarregava, inclusive, com a equipe dela. Ela tinha lá uns “estudantezinhos” que ajudavam ela. Ela inclusive empacotava e mandava para os sócios, só pedia o dinheiro dos correios, porque a verba ficava aqui, era muito engraçado. Quando ela telefonava, normalmente, ela telefonava bem cedinho, então eu atendia no telefone do quarto, eu não conseguia escutar direito, então tinha que vir para o telefone central, porque aqui na minha casa tem telefone em todo lugar. Como eu moro sozinha, tem telefone até no banheiro. Daí todo mundo ... na época, eu tinha banheira, eu tenho uma prótese no joelho, e uma haste na coluna, então já não podia tomar banho de banheira, mas eu tinha uma banheira na época. Então eu dizia e, se eu entalar na banheira, como é que eu vou chamar bombeiros? (risos) e os telefones ficaram, têm no meu quarto, têm aqui, no escritório e no banheiro.

B.S: E tinha muita reunião?

O.B: Mas reunião era uma coisa muito complicada, tinha uma moça, uma professora que estudava imigração japonesa, não sei o que Nogueira, eu não lembro o primeiro nome dela, mas, se você olhar na revista, vai ver esses nomes todos. Como cada um era de um lugar, era difícil, se tivesse videoconferência na época, seria muito mais fácil, mas, então, as reuniões não eram assim muito frequentes, eram mais por telefone e por cartas.

B.S: E os encontros anuais?

O.B: Não lembro se eles eram anuais ou de dois em dois anos.

B.S: Acho que, no começo, eles eram anuais, depois, começou a ser mais esporso.

O.B: Eu lembro que era mais de dois em dois anos, lembro que o último que eu fui aconteceu em Florianópolis e, depois, eu fui estudar... espera... eu já era professora, isso foi década de 80. Depois, eu acabei me desinteressando. E também eu não era muito de ir na ANPUH, verdade seja dita que a Maria Beatriz e a Cecília Westphalen, elas eram meio autoritárias. Então, não estava muito bom para mim, eu preferia ser mais independente. E ser tesoureira, convenhamos, não era uma coisa muito fácil, mas a Cecília disse “não, eu te ajudo!”. Ajuda com a palavra. Mas correr, receber cheque, depositar cheque, correio, na época... hoje, tem aqui na minha quadra, mas, na época, não tinha, tinha que ir ao Correio velho no Santos Andrade, então aquela pilha de cartas para mandar, quem estava atrás na fila se irritava. Então, não foi nenhuma nem duas vezes que ouviu desaforo, sei dizer que me desinteressei, fui me interessando cada vez mais pela pesquisa com os ucranianos.

B.S: Por que o ‘povo’ da ANPUH não gostava da Emília Viotti?

O.B: Porque a Emília Viotti, além de falar tudo que lhe vinha na cabeça, politicamente era realmente muito à esquerda para o gosto da maioria. E tanto que ela teve uma atividade política bem grande, isso não era do agrado de todo mundo.

B.S. Entre a ANPUH e a SBPH, associação que a senhora participou também, a senhora acredita que teve algum impacto para a historiografia no Brasil?

O.B: Eu acho que, como associação não, isso opinião minha. Eu acho que, como associação, não! Mas várias pessoas, tanto numa agremiação quanto na outra, se destacaram enquanto historiadores e deram um grande impulso para a pesquisa histórica, para a metodologia da pesquisa e isso sim, mas, como associação, eu acho que não, sabe? Não sei se eu estou sendo muito rigorosa no meu julgamento, pode ser que eu que esteja muito rigorosa no meu julgamento., mas acho que, tanto a ANPUH como a SBPH, eu compararia, assim, à Academia de Letras, com chá, às quintas feiras. Mas isso... quem sou eu para julgar. Isso é particularmente.

B.S: Poxa, professora, foi muito bacana falar com a senhora, foi e está sendo muito produtivo.

O.B: Eu até posso procurar um pouco nos meus alfarrábios, se eu achar alguma coisa de interessante para você, eu mando para você. É para isso que existe o face hoje. O Messenger, certo? Facilita a vida.

B.S: Mas isso já vai ser um grande auxílio...

O.B: Mas você mora aonde?

B.S: Eu moro em Guarapuava, eu fiz a graduação em Guarapuava

O.B: O pós você fez em....

B.S: Irati.

O.B: E o pós, você vai de Marechal para Cândido Rondon?

B.S: Isso.

O.B: Mas não é uma viagem meio longa?

[...]

B.S: É sim. Professora, agradeço imensamente pela senhora me receber em sua casa. Fiquei muito feliz, a senhora é muito receptiva.

O.B: Eu sei como a gente sofre para fazer pós graduação. Eu fiz a minha em um país estrangeiro, então eu sei como é que é, por isso eu não recuso esse tipo de pedido.

B.S: A senhora é muito sensível e eu agradeço e finalizo a entrevista com a professora Oksana, às 14h54 min.

Texto apresentado em agosto de 2020. Aprovado para publicação em outubro de 2020.